Amor e desamor: expressão e percepção de sentimentos*

MARINA VILELA**

1. Introdução; 2. Pesquisas sobre o amor; 3. A pesquisa; 4. Conclusão.

Estudou o sentimento de amor e desamor de 69 sujeitos, 34 mulheres e 35 homens, através de abordagem existencial fenomenológica. Sob o enfoque de expressão e percepção, pesquisou a vivência cotidiana em relação ao outro na díade amorosa, através de entrevistas em profundidade. Contatou universitários dos cursos de educação física, filosofia e engenharia, com idade média de 23 anos, que relataram histórias vividas em cada uma das quatro situações: expressão de amor, percepção de amor, expressão de desamor e percepção de desamor, totalizando 483 histórias. O sentimento de amor foi expresso e percebido por ações tais como: declarar-se, acarinhar, presentear, confiar, ceder, ajudar em momentos difíceis, apoiar/preocupar-se, acolher etc. O desamor emerge em ações de agredir, terminar o relacionamento, ser egoísta, indiferença, desatenção/indelicadeza etc. Homens e mulheres não apresentaram diferenças significativas nos relatos por categorias. Algumas diferenças, no entanto, foram encontradas em termos de conteúdos, justificadas em sua maior parte pelo diferente condicionamento cultural.

1. Introdução

Pensar no cotidiano é importante, ao objetivar-se uma pesquisa em que o tema desperte interesse, paixão, viabilize criação.

Que tema mais cotidiano e inserido na vivência das pessoas que o amor?! O sentimento que emerge em direção a uma outra pessoa centraliza-a e proporciona o maior dos prazeres e a mais profunda das dores.

* Este artigo foi elaborado a partir de pesquisa desenvolvida para dissertação de mestrado em psicologia no ISOP, da Fundação Getulio Vargas. (Artigo apresentado à Redação em 23.1.85.)

** Professora na Faculdade de Biologia e Psicologia Maria Tereza, Niterói. (Endereço da autora: Rua Figueiredo Magalhães, 741/609 — Copacabana — Rio de Janeiro, RJ.)

Mas por que é incomum pesquisar amor? Por que as pessoas se admiram ante o tema?

Teodor Reik (1946, p. 22-3) publicou um livro intitulado *El amor visto por un psicólogo,* onde, na introdução, ressalta a omissão da ciência psicológica:

"Não há dúvidas de que a ciência existe para dar-nos a informação necessária sobre o tema desejado, mas a psicologia parece ser um tanto esquiva com nosso tema. Por quê? Será que os psicólogos não querem ou não podem dar-nos a informação necessária? E o psicólogo deveria dizer-nos *a que* classe de emoção pertence o amor, qual é a sua natureza e o que determina seu poder. É esse tema tão vago e tão esquivo, que está fora do alcance do campo descritivo? Certo é que o amor é algo inatingível, mas também é certo que o estudo do inatingível é um dos trabalhos essenciais da psicologia moderna. Ali onde os fatos e os símbolos não existem é onde está o mais importante problema que tem que defrontar a psicologia. (...) Sabemos com certeza que nunca poderemos compreender os recônditos impulsos de nossa existência até que este problema tenha sido resolvido. Ainda que consideremos o amor uma ilusão, não é nossa tarefa examinar as ilusões, descobrir o que são na realidade e qual é sua origem e sua dinâmica?"

Pensando em termos de díade amorosa, emergiu a pergunta: como as pessoas estão vivenciando aquilo que elas chamam de amor?

A pergunta deu início a esta pesquisa. Começou-se a pensar em como delinear um trabalho científico de cunho fenomenológico-existencial, que permitisse embrenhar-se por um tema cuja esssência é evasiva, mas, no entanto, se manifesta na vivência das pessoas em relação a outras, formando elo de díade amorosa.

Tem-se consciência de que outras abordagens, como a psicanálise, descortinavam em áreas desse campo aspectos que, através de raciocínios e deduções, apresentam-se no campo científico; apenas optou-se por trilhar uma abordagem que retornasse para as coisas mesmas.

"Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo antes do conhecimento cujo conhecimento fala sempre, e com respeito ao qual toda determinação científica é abstrata, representativa e dependente, como a geografia com relação à paisagem onde aprendemos primeiramente o que é uma floresta, um campo, um rio" (Merleau-Ponty, 1971, p. 7).

Optou-se, então, por trabalhar com a expressão e percepção do sentimento de amor e desamor, por ter parecido ser a melhor maneira de viabilizar tal proposta. O sentimento de desamor foi pesquisado pela curiosidade em saber quais ações as pessoas associavam a esse termo.

Essa opção deve-se ao fato de ser o expressar-se que torna possível qualquer relação de uma pessoa para com outra, por ser um dos aspectos básicos do ser no mundo. E é a relação dialética do expressar e perceber o sentimento de amor que lhe dá sobrevivência.

Esta pesquisa foca o amor do ponto de vista do indivíduo enquanto numa relação, não tendo interesse de pesquisar o fenômeno da relação em si, mas

o sentimento de amor e desamor inerente às pessoas enquanto numa relação diádica.

2. Pesquisas sobre o amor

Dentre o acervo de material disponível sobre amor, no que concerne a pesquisas e dissertações, o enfoque, em sua maior parte, centra-se em construção de escalas. Estas fornecem instrumentos para apreender e discriminar estilos de amor e são também utilizadas em pesquisas que, ao inter-relacionar variáveis, procuram, entre outras metas, validar essas escalas.

Rubin (1970) comenta que os psicólogos sociais não devotaram nenhuma atenção ao amor como atitude independente da atração interpessoal e que o amor romântico (*romantic love*) é visto meramente como a expressão de gostar (*liking*). Afirma que o amor pode ser independentemente conceitualizado e medido. Baseando seu estudo sobre essa afirmação, construiu duas escalas, uma escala de amor e outra de gostar (*Rubin's Scales for Loving and Liking*), determinando a validade discriminativa entre amar e gostar. Embora a escala de amor tenha sido construída em torno de um só fator, seu conteúdo revela três componentes: necessidade de dependência e afiliação; predisposição para ajudar; exclusividade e absorção.

Vê-se que, mesmo quando previamente discriminado em torno de um só fator, interagem no sentimento de amor vários aspectos do ser humano, enfatizando Rubin, através de uma abordagem científica, a complexidade do tema.

Outro aspecto de construção de escala é a discriminação entre amor romântico e conjugal, desenvolvida por Knox e Sporakowski, como nos descrevem Munro & Adans (1978). Caracterizam "amor romântico" itens que refletem necessidade de dependência ou projeção afiliativa, comportamentos possessivos, absorção pessoal do outro e uma predisposição em direção a sensações emocionais. Aspectos esses, como podemos constatar, similares aos fatores ressaltados pela escala de Rubin. O "amor conjugal" foi definido como calmo, racional, com atitudes cognitivas realistas, consistindo em forte senso mútuo e confiança pessoal.

Estudos sucessivos a respeito da dicotomia entre amor romântico e coniugal descrevem uma relação curvilinear entre atitudes ante o amor e a idade dos respondentes. Uma orientação mais romântica foi encontrada em pessoas mais jovens, ao passo que se observou baixa crença no amor romântico por pessoas recém-casadas e um forte aumento de atitudes românticas em pessoas que tinham 20 anos de casadas ou mais. Knox justificou essa queda de romantismo como relativa ao período de vida em que as pessoas vivenciam e expressam mais as normas e padrões da sociedade que lhes são passados pela educação. Munro & Adans (1978) esclarecem melhor esses resultados, fundamentando-se na "teoria do papel" para concluir que qualidades interpessoais (por exemplo, atitudes em direção ao outro) aparecem quando expectativas de papéis são menos complexas e frouxamente definidas, correspondendo aos primeiros estágios de desenvolvimento da relação e aos últimos anos do casamento. Diminuem, porém, durante períodos em que as expectativas de papéis e as obrigações são mais claramente definidas e exigidas. Nesta fase o envolvimento pessoal e as ligações afetivas se diluíram, por influências externas à relação diá-

dica, tais como: responsabilidades econômicas, requisições de trabalho e obrigações familiares no período de educação das crianças.

Realmente, o suporte apresentado por Munro & Adans, o qual enfatiza a estrutura de papéis absorvendo as pessoas, é mais claro e evidente. Todavia, o que dizer de casais que mesmo nas mais complexas estruturas apresentam atitudes de cuidado, atenção e carinho um para com o outro? O que se quer assinalar é que a falta de atitudes de amor em relação ao outro não é apenas devida à complexidade de papéis.

Nos trabalhos revisados em que grupos masculinos e femininos são discriminados sobressai de imediato a influência cultural diversificada que recai sobre o homem e a mulher. A pesquisa realizada por Reedy sobre a relação existente entre diferença de sexo e idade nas necessidades pessoais e a natureza do amor em relacionamentos satisfatórios mostra, como um dos resultados mais nítidos, que em todas as idades os homens apresentaram maior necessidade de realização, sexualidade e agressão, enquanto as mulheres mostraram predominância na necessidade de segurança.

As divergências apresentadas pela variável sexo na relação afetiva das pessoas advêm, em grande parte, das pesquisas, dos diversos padrões culturais que influenciam a internalização de normas diferentes de atração social.

Numa perspectiva humanista, Pheterson (1981) analisou o amor num campo mais real por três dimensões não-exclusivas, que são: romântica, consciente e intuitiva. No amor romântico a ênfase é sempre no outro: eu amo *você* — que é a pessoa perfeita, idealizada para preencher necessidades e dar sentido à vida. O amor consciente deriva da igualdade e autonomia de ambas as pessoas, sendo que o relacionamento com outro é experimentado como uma dádiva preciosa e não como obrigação. No amor consciente: *eu* amo *você*, a ênfase recai na própria autonomia e na apreciação do outro. No amor intuitivo a ênfase é colocada no elo entre as duas pessoas: eu *amo* você. O amor é a maneira de estar no mundo. Para a autora, as pessoas não se classificam em uma ou em outra dimensão; elas possuem dentro de si todas as dimensões, se bem que possa haver predominância de alguma delas.

Obervou-se que, em sua maior parte, as pesquisas sobre amor objetivam nomear os vários aspectos, através dos quais esse sentimento se manifesta na díade amorosa. A discriminação de um tipo de amor, elaborada por um autor, encontra-se em maior ou menor interseção com a distinção feita pelos outros. O estudo que se mostrou um pouco distante desse tipo de abordagem é o de Pheterson, que expõe o amor com o significado de dimensões não-exclusivas, chamando a atenção para a coexistência dessas dimensões, não obstante seja comum a predominância de uma delas.

O que importa ressaltar é que, ao se postular tal ação somo amor romântico ou conjugal, prende-se esta ação, restringindo seu conceito. Tal enfoque despreza as variáveis situacionais, as quais podem interferir para que numa mesma pessoa emerjam, misturados, os vários estilos de amor.

3. A pesquisa

Entrevistaram-se 69 pessoas de ambos os sexos, alunos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com idade média de 23 anos. Pretendia-se trabalhar com pessoas de mais idade, entre 25 e 35 anos, por acreditar terem maior variedade

e consistência na experiência amorosa. A pesquisa não foi realizada nessa faixa etária por dificuldade de contatar grupos diversificados, tanto quanto de universitários, disponíveis para participar do trabalho. Procurando aproximar-se mais do objetivo pretendido, restringiu-se a alunos de séries mais adiantadas.

O grupo de pessoas foi composto por estudantes de três cursos: educação física, engenharia e filosofia. A escolha de diferentes cursos, além do viés aleatório, proporcionaria indícios para saber se a escolha profissional apresentaria algum reflexo na expressão e percepção desses sentimentos. A opção por tais cursos justifica-se por apresentarem entre si maior divergência de conteúdo e objetivos.

Pediu-se às pessoas que relatassem histórias de momentos vividos nos quais haviam expresado amor e desamor e nos quais haviam percebido esses sentimentos na expressão de seus companheiros.

Com o objetivo de apreender, com a menor distorção possível, a experiência que estava sendo apresentada, optou-se por transcrever as palavras tão logo eram emitidas. Isto provocou, algumas vezes, o rompimento do fluxo do relato, quando a pesquisadora, por não conseguir acompanhar o relato com a transcrição, interrompia e pedia para que a pessoa falasse mais devagar.

Várias experiências foram tentadas até optar-se pela maneira descrita: ouvir e transcrever, após o relato completo, método abandonado, por não ser possível guardar detalhes importantes; e quando a própria pessoa recontava a história, para ser transcrita, reorganizava-a, tornando-a bastante diferente da original que se mostrava rica em elementos de espontaneidade. A experiência com gravação não resultou na melhor opção, devido à necessidade constante de uma retomada rápida ao ponto em que se estava, quando houvesse digressões para outros assuntos.

As entrevistas transcorreram em um tempo que oscilou de 30 minutos a duas horas. Se, no início da entrevista, o nível de motivação pareceu baixo devido à inibição inicial, no decorrer da mesma mostrou-se crescente. Isso foi observado através de comentários que as pessoas faziam ao terminar a entrevista, mostrando-se satisfeitas e surpreendidas, pela possibilidade de se questionarem num ângulo até então não-pensado.

Cada pessoa contou-nos, em média, oito histórias, duas para cada uma das situações: expressão de amor e desamor, percepção de amor e desamor. Obtiveram-se no final 483 relatos. Procedeu-se à análise desses relatos, retirando-se das histórias as ações específicas através das quais esses sentimentos foram expressos e percebidos. Essas ações foram agrupadas em categorias por suas semelhanças. Fizeram-se vários reagrupamentos, onde empregou-se o "Método dos Juízes" com intuito de minimizar possíveis variáveis intervenientes.

Algumas categorias emergiam pela evidência do conteúdo, como *presentear*, extraída de comportamentos tais como dar flores e objetos em quaisquer datas significativas. Outras categorias já exigiram mais trabalho, por requisitarem um denominador comum não tão aparente, como é o caso, por exemplo, de ações que continham atitudes de apoio, preocupação e incentivo. Quais dessas designações seriam predominantes? Qual delas abarcaria o significado das demais, tomando por base o relato da história? Essa parte do trabalho foi repensada e retrabalhada várias vezes, no sentido de tornar as categorias abrangentes, sem deixarem de ser pertinentes.

Tabela 1

Freqüência das histórias nas categorias de amor

Categorias	Expressão				Percepção			
	Mulher		Homem		Mulher		Homem	
	N.º	(%)	N.º	(%)	N.º	(%)	N.º	(%)
Mostrar interesse								
Ajudar em momentos difíceis (doenças, problemas a resolver, trabalhos a fazer)	4	6,06	7	9,33	5	7,46	12	16,66
Apoiar/preocupar-se (defender, proteger, incentivar)	5	7,57	7	9,33	10	14,93	11	15,28
Acolher (compreender, aceitar, ouvir)	9	13,64	7	9,33	4	5,97	—	—
Procurar (ter iniciativa)	6	9,09	—	—	5	7,46	—	—
Querer estar junto (planos para o futuro)	3	4,55	—	—	10	14,93	10	13,89
Expressar ciúmes	—	—	—	—	—	—	3	4,17
Confiar (compartilhar)	7	10,61	4	5,34	—	—	7	9,72
Ceder (sacrificar-se pelo outro, abrir mão de suas coisas)	7	10,61	7	9,33	2	2,98	—	—
Presentear (flores, objetos)	4	6,06	10	13,34	17	25,38	1	1,39
Acarinhar (contato físico, relação sexual)	5	7,57	18	24,00	3	4,48	7	9,72
Declarar (verbalmente, por escrito, expressão facial, gestos e olhares)	10	15,15	12	16,00	9	13,43	11	15,28
Não se encaixam	6	9,09	3	4,00	2	2,98	10	13,89
Total	66	100,00	75	100,00	67	100,00	72	100,00

Dentre as categorias de amor encontrou-se *acarinhar*. Nessa categoria foram reunidos os comportamentos que envolviam contato físico, desde um simples acarinhamento até a relação sexual.

"48.2 Um jeito todo especial que eu acho que eu tenho de transar a pessoa (...) Esse jeito especial é no falar, no tocar, no olhar (...) Toco, usando as mãos de uma forma bem carinhosa no corpo da pessoa, descobrindo o corpo, eu acho corpo uma coisa fabulosa, cheia de mistérios (...)" (EA — homem).

"66.1 Na primeira relação sexual, acho que eu demonstrei atenção, carinho (...) Foi a primeira relação dela (...) Foi a atenção e o carinho ali depositados (...)" (EA) — homem).

Acarinhar, ação mais expressa que percebida, encontrada numa proporção maior nos relatos dos homens (24%), sugerindo talvez ser o toque corporal uma via de expressão de amor mais utilizada pelo homem. Mesmo porque é por ele também percebida como amor numa freqüência maior que nas mulheres: 9,72% e 3,48%, respectivamente.

Declarar-se através da linguagem falada, expressão facial e olhares apresenta-se numa proporção equivalente nos relatos de expressão e percepção em ambos os sexos. É interessante observar que a declaração de amor vem motivada por momentos difíceis, doenças, tristezas, como também para reconciliar-se de uma briga e com objetivo de incentivar e apoiar.

"62.1 Eu sou meio difícil de expressar amor embora eu sinta (...) Mas chegou um momento em que ela ficou doente e aí eu demonstrei, eu falei mesmo (...)" (EA) — homem).

"23.2 Ele estava a fim de terminar (...) Ao conversarmos eu fui ponderando, falando coisas tipo 'Eu te amo' etc. (...)" (EA — mulher).

Tais evidências parecem mostrar que o amor suaviza tensões e supera discussões na tentativa de recuperar o prazer, a perspectiva que vê o amor como o contrário às situações difíceis, desagradáveis e sofridas, neutralizando-as.

Afora quatro relatos masculinos que manifestam o comportamento de *confiar* como amor, é ele majoritariamente vivenciado pelas mulheres como mostram os resultados — terceira entre as freqüências mais altas na expressão das mulheres (10,61%), assegurada pela percepção dos homens (9,72%). As histórias enfatizam falar de coisas pessoais e compartilhar dificuldades.

"26.1 (...) Houve um momento em que eu confiei coisas muito pessoais minhas para ele. Ali eu estava dando tudo de dentro de mim, coisas pessoais (...)" (EA — mulher).

"66.3 O momento que ela acreditou em mim, que decidiu fazer o relacionamento nosso mais sério, quis viver momentos maiores, quis ter uma relação sexual comigo, confiou na minha pessoa (...)" (PA — homem).

Nota-se que, em alguns casos, o homem cita ter percebido amor na confiança depositada por sua companheira ao entregar-se a ele numa relação sexual. Retrataria a entrega sexual da mulher uma conotação de proporcionar dádiva e prazer ao homem, ficando menos enfática a entrega como um prazer seu? Seriam resquícios da concepção moralista na qual a mulher é vista se dando para o prazer do homem e não para obter seu próprio prazer? É interessante que isso ocorra em ambos os sexos, como nos mostra o relato dessa mulher:

"5.1 Ter um relacionamento sexual para mim é expressão de amor. Para mim era difícil me entregar totalmente (...) Eu ficava com aqueles tabus, a ponto de pensar se não seria porque eu não o amava (...) Eu ficava pensando na família, várias coisas passavam pela minha cabeça. Depois que eu me libertei de tudo isso (...) Nesse momento foi uma demonstração do meu amor, consegui me entregar sem ficar pensando.
(*Conseqüência*:) Meu convívio ficou melhor, eu senti que o relacionamento ficou mais firme, ele acreditou mais em mim (...)" (EA — mulher).

Cabe observar o conflito dessa pessoa, não sabendo a quem satisfazer: a família ou a ele, e após ter a relação sexual afirma: "Ele acreditou mais em mim." E ela?

Procurar, no sentido de ter a iniciativa de ir até o outro, é relato expresso (9,09%) e percebido (7,46%) pelas mulheres. Levanta-se a hipótese de que, por ser essa opção parte do conjunto, padronizado pela cultura, como atitude do homem, não é por ele mencionada como atitude de amor, sendo, no entanto, assim vista pela mulher.

Ajudar em momentos difíceis — doenças, trabalhos a fazer, problemas a resolver — e *apoiar/preocupar-se* — defendendo o outro, protegendo-o, incentivando-o — são ações mais percebidas que expressas. Essa ocorrência talvez permita, na análise de tais situações, sugerir que, pela própria carência de quem necessita de um apoio ou está em um momento difícil, torna-se mais sensível a registrar atitudes de interesses, justificando serem essas situações mais explicitadas nos relatos de percepção do que nos de expressão.

Querer estar junto foi relato também mais percebido que expresso. Nesses, as mulheres acentuam que os homens superam dificuldades para estarem ao seu lado.

"9.1 Ele mora muito longe de onde eu moro (...) Havia dias assim que não dava para ele ir lá em casa, e mesmo assim ele ia, apesar da distância e do cansaço. Um domingo, em que ele tinha prova na segunda-feira, poderia estar estudando ou jogando vôlei, ele disse que iria na minha casa (...)" (PA — mulher).

Na perspectiva da mulher, o homem se sacrifica para lhe dar o prazer de com ela estar e não em prol do seu próprio prazer. Expressariam esses relatos

uma visão desvalorizada que a mulher possui de si mesma, não considerando o prazer que seu companheiro sente ao estar com ela?

Presentear mostra a doação, não da pessoa, mas de alguma representação sua. É uma atitude mais caracterizada pelo homem em termos de expressão (13,34%), corroborada pela mulher, na alta freqüência com que percebe amor ao ganhar um presente (25,38%). Os presentes vão de objetos simples até aos de maior valor como jóias etc., como também flores em datas significativas ou não.

Ceder, no sentido de abrir mão de suas coisas ou sacrificar-se pelo outro, é ação de ambos os sexos, aparecendo mais como comportamento expressivo — 10,61% do comportamento das mulheres e 9,33% no dos homens.

"12.1 (...) o único espinho que temos é o fato de eu ser uma pessoa agitada, social e ele uma pessoa acomodada, caseira. Então acontece milhões de vezes, ou eu ou ele termos de ceder e, geralmente eu não cedo. Na semana passada eu queria ver um *show*; ele tinha que ficar em casa, para estudar e queria que eu também ficasse. Foi assim uma loucura, nós discutimos muito e a expressão de amor foi que eu já tinha decidido ir, já tinha marcado com uma pessoa para ir comigo e resolvi ficar para ajudá-lo a estudar (...)" (EA — mulher).

Acolher, comportamento mais enfatizado pelas mulheres (13,64%) que pelos homens (9,33%), caracteriza-se também mais pela expressão. Pela análise dos conteúdos das vivências, o comportamento de acolher é expresso pelas mulheres por uma atitude de compreensão às ações dos companheiros que as atingem de alguma forma e pela disponibilidade para ouvi-los.

"8.1 (...) Estava numa crise existencial, numa fase de depressão e isso o afetou sexualmente. Eu soube compreender e aceitar, sabendo esperar (...) não ter saído com outra pessoa também foi uma expressão de amor (...)" (EA — mulher).

No que se refere aos homens, o amor é expresso acolhendo suas companheiras, explicitando seu apoio em situações difíceis, por exemplo, doenças.

"50.1 Uma passagem em que ela teve um aborto espontâneo (...) Eu comprei uma briga geral, protegi, me arrisquei, levando-a para o hospital. Isso em si não é expressão de amor; eu senti, eu vi uma expressão de amor no dia em que eu a trouxe do hosptial para minha casa e coloquei-a na minha cama (...)" (EA — homem).

O fato de essas ações serem mais expressas que percebidas parece-nos indicar serem mais conscientes para quem faz a ação, passando despercebidas para a que recebe. Lembramos que tanto *ceder* como *acolher* são atitudes de "dar espaço" ao outro. Seria a ação mais consciente para quem "dá o espaço" por seu desempenho e esforço e não para quem recebe?

Tabela 2

Freqüência das histórias nas categorias de desamor

Categorias	Expressão				Percepção			
	Mulher		Homem		Mulher		Homem	
	N.º	(%)	N.º	(%)	N.º	(%)	N.º	(%)
Mostrar desinteresse								
Indiferença (manter-se frio e distante)	17	32,07	16	26,23	5	10,20	10	22,73
Desatenção/indelicadeza	—	—	—	—	15	30,62	6	13,64
Interessar-se amorosamente por outra pessoa	4	7,55	—	—	6	12,25	5	11,36
Ter outros interesses em momentos de lazer que não o estar com a pessoa	4	7,55	—	—	5	10,20	6	13,64
Mostrar dúvidas	—	—	—	—	—	—	3	6,81
Agredir (discutir, hostilizar, gritar)	19	35,85	21	34,43	8	16,33	6	13,64
Ser egoísta (individualista)	—	—	8	13,12	—	—	—	—
Terminar o relacionamento	4	7,55	7	14,47	5	10,20	4	9,09
Não se encaixam	5	9,43	9	14,74	5	10,20	4	9,09
Total	53	100,00	61	100,00	49	100,00	44	100,00

Dentre as categorias de *Desamor,* as de maior freqüência foram *indiferença/mostrar-se frio e distante* — manifestando-se por ignorar a presença do outro, manter-se afastado, inventar desculpas e mostrar desprezo — e *Agredir* — no sentido de ser autoritário, discutir e gritar. As duas apresentam alta freqüência no relato de ambos os sexos, tanto na expressão como na percepção.

"60 O máximo que eu posso expressar como desamor é apatia, ficar fechado, frio. Quando a gente discute, que tem qualquer briguinha (...) Eu nessas situações fico calado, tipo insensível, poucas palavras, não respondo empolgado, respondo só por responder (...)" (ED — homem).

"20.2 Foi a minha reação de agressão (...) Foi a reação a um abandono que eu senti numa situação em que eu necessitava dele e ele fugiu da raia. Tivemos um papo feio, discussão e agressão, ponto de ruptura mesmo (...)" (ED — mulher).

Como conteúdo da categoria *agredir,* sobressaem como expressão feminina atitudes de reclamar e na expressão dos homens atitudes grosseiras; comportamentos hostis foram percebidos pelas mulheres e comportamento feminino de deboche e desprezo na percepção dos homens.

É interessante ressaltar que no relato de histórias dessa categoria esses comportamentos aparecem como reativos.

Desatenção e *indelicadeza* englobam amplas variedades de comportamentos, figuradas apenas nos relatos de percepção. Em sua maioria são ações do homem percebidas como desamor pelas mulheres: deixar de entrar em contato com elas durante períodos longos de viagens, deixar de comparecer a encontros marcados e faltar atenção a detalhes que para elas são relevantes.

"6.2 Eu consegui desamassar e usar a aliança dele, eu uso as duas e ele não percebeu (...) eu acho que ele podia perguntar nem que fosse brincando (...)" (PD — mulher).

A categoria *ser egoísta* faz-se presente apenas nos grupos de expressão dos homens, onde se encontram comportamentos em que os interesses individuais estão em primeiro plano, e comportamentos de cobrança da maneira de ser da pessoa.

"61.1 Acho que os momentos em que eu mostro desamor são quando, muitas vezes, eu cobro, exijo dela posturas, posições, comportamentos, que em essência desrespeitam sua figura humana específica, com suas características próprias (...)" (ED — homem).

Ter outros interesses em momentos de lazer que não o estar com a pessoa é uma atitude vista como desamor na proporção de 7,55% nos relatos de expressão de mulher, nenhuma na expressão dos homens, 10,20% na percepção das mulheres e 13,64% na percepção dos homens.

"4 A vida inteira ele joga bola. Joga bola sábado e eu aceito, mas tem dias, sábado principalmente, que eu preferia que ele estivesse comigo e ele coloca o futebol do sábado acima de tudo (...)" (PD — mulher).

"60.2 (...) Foi quando ela teve férias (...) eu só estava livre na parte da manhã, à tarde eu tinha que ir para o trabalho. Eu me propus ir com ela todos os dias à praia, passear com ela onde ela quisesse ir (...) Ela chegou e disse que queria ir para outro lugar (...) Daí ela foi e ficou o dobro do tempo que havia dito que ficaria e eu fiquei esperando. Eu senti desamor no determinismo com que ela falou: vou (...) A vontade dela estava acima de qualquer coisa. Talvez quem leia isso aí pense que eu é que tenha passado por egoísta; é difícil pôr tudo em palavras num só texto.
(*Conseqüência*:) Me senti trocado, pois eu descobri que não estava em primeiro plano, que a personalidade dela, os desejos dela, a vontade dela para com ela eram superiores" (PD — homem).

Depara-se aí com a visão da relação da díade amorosa como exclusiva, abarcando todas as demais relações interpessoais e outros interesses que a pessoa possa ter. Parece que as pessoas não conseguem conviver com a distância uma da outra inerente à relação entre pessoas, uma vez que a colocam como expressão de desamor. Associam amor a estar sempre juntos e desamor a um interesse outro qualquer que a pessoa possa ter.

Por outro lado, uma análise mais cuidadosa talvez dê informações diferentes, transmitidas pela organização das palavras nos relatos. As entrelinhas sugerem que esses interesses em outras atividades possam ser uma maneira indireta pela qual o parceiro realmente esteja mostrando seu desinteresse. Fica difícil captar essas nuanças. São aspectos próprios de temas, cuja complexidade e intervenção de variáveis múltiplas se apresentam como realidades indiscutíveis. Ademais, isto fica difícil de transmitir em palavras, como expresso no relato anterior.

Sobressaem também nas categorias de desamor aquelas ações que são assim caracterizadas apenas nos relatos de percepção tais como: *interessar-se amorosamente por outra pessoa, ter outros interesses em momentos de lazer que não o estar com a pessoa,* desatenção/indelicadeza. Como pode-se ver na tabela 1, nenhuma dessas ações aparece como expressão propiciando também aqui constatar que são ações facilmente percebidas, mas não figuráveis a ponto de ficarem registradas na memória quando expressas.

Terminar o relacionamento e *interessar-se amorosamente por outra pessoa* aparecem em freqüências baixas tanto na expressão como na percepção.

Quase todas as características obtidas como definição de amor e desamor confirmam os comportamentos vividos como amor e desamor. Não obstante, nenhuma pessoa menciona *presentear* como definição de amor, embora apresente alta freqüência como experiência vivida, nem tampouco *ter outros interesses em momentos de lazer que não o estar com a pessoa,* como definição de desamor. Emerge desse fato a questão: o que impediria essa vivência de ser aludida teoricamente como desamor? Seria por parecer uma atitude possessiva, ameaçando por isso a imagem da pessoa que a ela alude? Ao conceituar uma

situação, a pessoa assume uma responsabilidade consciente perante o outro, o que não ocorre ao vivenciá-la quando não se é muito consciente das contradições.

O que mais chama atenção, nessa parte da análise, é que tanto o sentimento de amor como o sentimento de desamor são caracterizados como: "respeito à individualidade do outro" e "falta de respeito à individualidade do outro", respectivamente, caracterizações essas que não encontram correspondências explícitas nos relatos das vivências. É possível que isso seja devido a que numa definição haja mais implicações racionais e cognitivas e, na vivência, a ênfase seja dada pelo irracional e afetivo.

Quanto às sensações autoperceptivas do "estar amando", muitas delas corroboram atitudes vividas e definidas como amor: "compartilhar com o outro, confiar", "interessar-se pelo outro, apoiá-lo, preocupar-se com ele", "querer estar com a pessoa, ver, falar, trocar".

"Sentir-se bem, alegre, feliz, eufórico, confiante, com maior vivacidade e maior ânimo para os problemas" aparecem como autopercepções do "estar amando" e como definições de amor, não figurando entretanto no relato da vivência.

Manifestam-se, apenas, nos relatos de autopercepções do "estar amando", descrições como: "pensar no outro a maior parte do tempo, sentir sua falta, saudade", estar com a "sensibilidade mais aguçada, alterações na pulsação, no olhar, na transpiração e na fluência verbal".

Esclareça-se que algumas atitudes, captadas como expressivas de amor e assim percebidas pelo outro, correspondem ao conteúdo levantado por algumas das pesquisas consultadas. Dos três componentes encontrados por Rubin no fator amor, "predisposições para ajudar" abarca conteúdos das categorias *ajudar em momentos difíceis* e *apoiar/preocupar-se*. Alguns outros conteúdos de amor deste trabalho assemelham-se aos dois outros fatores de Rubin: "necessidade de dependência e afiliação" e "exclusividade e absorção". Estende-se essa semelhança a alguns itens sobre amor romântico da escala de Knox e Sporakowski, que equivalem aos fatores da escala de Rubin. Essa escala discrimina amor romântico de racional.

A maior equivalência explícita encontrada foi com os fatores da escala de Swensen. A ação de *declarar* encontra-se no fator "expressão verbal de afeto"; *confiar,* no fator "revelação de fatos pessoais"; *ajudar em momentos difíceis* e *apoiar/preocupar-se* associam-se ao fator "incentivar, estimular e dar apoio moral à pessoa amada".

Note-se, no entanto, que uma das manifestações mais cotidianas desse sentimento, o toque físico, expresso neste trabalho como *acarinhar,* não foi mencionado por nenhum dos fatores advindos das referidas escalas. *Acarinhar,* ponto de convergência dos vários aspectos da manifestação do amor, por ser a maneira mais concreta de passar esse sentimento ao outro, não aparece nesses trabalhos. Seria porque o carinho — no sentido físico — é visto somente como meio de viabilizar um sentimento, não podendo ser percebido como conteúdo em si?! E as imensas, embora sutis, variações desse carinho não são levadas em conta? Reside aí um dos aspectos levantados por esta pesquisa e não mencionados pelos outros trabalhos. Não seria, talvez, uma maneira de expressar como essa que nos daria direcionamentos por onde pesquisar o sentimento de amor? Mesmo porque não são todas as ações de acarinhar entre pessoas que expressam

amor. O que então caracterizaria o acarinhar como expressão de amor? Pesquisar por esse ângulo seria um meio diferente de abordar esse assunto tão pouco pesquisado, pela dificuldade mesma de se criarem meios para apreender a multiplicidade de variáveis que configuram suas manifestações. Não atingiria esse caminho uma camada de variáveis mais próxima à essência desse sentimento?

4. Conclusão

Este estudo revelou que o amor é vivenciado pela díade amorosa de maneira simples, manifestando-se por meio de declarações de amor verbais, fazendo-lhe um carinho, dirigindo-lhe uma palavra de solidariedade em situações difíceis ou ainda oferecendo-lhe um presente ou confiando-lhe histórias pessoais. O desamor foi expresso por agressões verbais, desinteresse mostrado para com a outra pessoa, atitudes egoístas e também ao terminar um relacionamento.

Quanto aos aspectos das semelhanças e divergências nas autopercepções de homens e mulheres, obtém-se que os homens pensam mais no outro e sentem sua falta mais do que as mulheres. Confiar é característica das mulheres nas autopercepções como também nas vivências e definições.

Os homens se mostraram mais interessados, preocupados e dando mais apoio que as mulheres, tanto nos relatos autoperceptivos como nas definições, não ocorrendo diferenças em termos de vivências.

Relativamente às divergências apresentadas entre homens e mulheres quanto a esses sentimentos, abstém-se em fazer afirmações conclusivas, deixando as respostas nas análises mencionadas.

Nenhuma diferença significativa foi encontrada em termos de proporção e conteúdo entre as pessoas pertencentes aos diversos cursos.

Todo o caminhar deste trabalho sugere que estudos posteriores talvez possam direcionar pesquisas por outras vias que não a verbal, ou seja, através de diversas expressões corporais. O amor poderia, assim, ser identificado de uma forma mais concreta, na qualidade de um olhar, num determinado tom de voz, num específico jeito de acarinhar. Ocorreria a apreensão daquilo que dá, a um gesto, amor. Ao atingir a consciência, essa específica qualidade torna-se código comum. É uma tentativa de transformar em imanente o que é visto por muitos como transcendente.

Ao preocupar-se com os dados mais genuínos e espontâneos, esta pesquisa representa um primeiro passo para estudos da vivência do sentimento de amor e desamor da pessoa, tendo-a como centro na díade amorosa.

Abstract

Studied the feeling of love and disdain in 69 subjects, 34 women and 35 men, through an existential and phenomenologic approach. Under the focus of expression and perception, investigated the daily *erlebnistyp* in relation to the other in the love diad, by means of deep interviews. Contacted college students of Physical Education, Philosophy and Engineering, average 23 years, who told real stories lived in four situations: expression of love, perception of love,

expression of disdain and perception of disdain, totalizing 483 stories. The feeling of love was expressed and perceived by acts as: to declare, to foudle, to gift, to trust, to give up, to help in difficult moments, to support, to worry, to welcome. Disdain appears as agression, to end the relationship, to be selfish, inconcern, inconsiderateness, discourtesy, etc. Men and women did not present expressive differences of categories of stories. Some differences were found in contents, in larger part due to culture conditionament.

Referências bibliográficas

Merleau-Ponty, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1971.

Munro, Brenda & Adans, Gerald R. Love American Style: a test of role structure theory of changes in attitudes toward love. *Human Relations, 31*(3):215-28, Mar. 1978.

———. Correlates of romantic love revisited. *Journal of Psychology, 98*:211-4, 1978.

Pheterson, Gail. Love in freedom. *Journal of Humanistic Psychology, 21*(3):35-51, Summer, 1981.

Reedy, Margareth Neiswender. Age and sex differences in personal needs and the nature of love: a study of happily married young, middle age and older adult couples. *Dissertation Abstracts International, 38*(8-B):3.857, Feb. 1978.

Reik, Theodor. *El amor visto por un psicólogo*. Buenos Aires, Nova, 1946.

Rubin, Zick. Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology, 16*(2):265-73, Oct. 1970.

Swensen, Clifford & Fiore, Anthony. Analysis of love relationships in functional and dis-functional marriages. *Psychological Reports, 40*(2):707-14, Feb. 1977.